INÉPCIA ENDÊMICA

Quando se trata do debate público brasileiro, existem ideias que prosperam não apesar da estupidez, mas justamente porque são estúpidas. A estupidez em massa anestesia a inteligência, prende o pensamento a uma crença e o faz girar em falso por décadas, incapaz de sair do círculo de ferro da idiotice consagrada. O Brasil vive dentro desse círculo, e a inépcia que dele resulta é a grande crise do país.

O exemplo mais assombroso é a fé no "socialismo com liberdade" — que inclusive é o slogan de um partido. Liberdades civis e estatização dos meios de produção são esquemas antagônicos, e qualquer estudante de ginásio entende isso assim que lhe explicam os dois conceitos. Centralizar o poder econômico e somá-lo ao aparelho repressivo do Estado jamais o tornará menos tirânico do que milhares de poderes parciais, sem polícia e em concorrência permanente uns com os outros.

Os próprios clássicos do socialismo anunciaram que, depois do capitalismo, viria a ditadura do proletariado, e nunca explicaram como ela voltaria a ser democracia sem se dissolver. A experiência histórica confirmou com sangue o que a simples análise lógica já mostrava: a centralização de poder gera ditaduras que só acabam quando desmoronam, quando perdem seus meios de se sustentar.

No Brasil, essa imbecilidade — e aqui não se trata de usar a palavra como xingamento, mas no seu sentido literal — deixou de ser tese acadêmica e virou mentalidade de governo. Um Estado que se apresenta como libertador concentra crédito, regula cada passo do pequeno produtor e trata o lucro como suspeita, e ainda espera que dessa concentração nasçam prosperidade e liberdade. O ambiente econômico nacional se torna inóspito, praticamente impróprio para negócios e produção. O brasileiro que empreende enfrenta um labirinto de tributos e licenças, e a mitologia petista chama isso de justiça social.

Isso sem mencionar a crença de que a escolarização obrigatória aplana as diferenças sociais. Quando até a profissão mais modesta passa a exigir diploma, as profissões rentáveis passam a exigir diplomas mais altos, e a pirâmide inteira sobe sem mudar de forma.

Um estudo clássico sobre a sociedade das credenciais nos Estados Unidos mostrou que isso aconteceu lá, com uma breve exceção durante o New Deal. O diploma não democratizou nada. Criou, no topo, a república das sinecuras e ensinou ao povo a ambição inalcançável do ócio bem pago.

Essa ideia também destrói a capacidade de aprender com a experiência. Pessoas contaminadas por ela não sabem onde estão nem o que fazem, sobretudo os formados em ciências sociais — sem mencionar a quantidade de cientistas sociais que se formam em detrimento de engenheiros, por exemplo, mostrando o sistema de retroalimentação de imbecilização das nossas universidades.

Professores de esquerda denunciam a universidade como aparato ideológico da burguesia, de dentro de universidades estatais que eles mesmos dominam, onde toda objeção ao marxismo é punida com boicote, chacota, nota baixa ou fim de carreira. Estão perdidos no espaço e no tempo, e mesmo assim o país continua pedindo a eles que expliquem como a sociedade funciona.

A inépcia brasileira é metodológica, arquitetada para escravizar consciências. Ela nasce na sala de aula e é recompensada nos cargos públicos. Enquanto a estupidez consagrada imperar sobre o debate, a crise nacional se agravará, e o brasileiro de carne e osso continuará pagando a conta de erros que uma inteligência bem treinada teria evitado.

- **A ilusão teórica de conciliar estatismo econômico com liberdades civis consolidou-se como mentalidade de governo,** asfixiando o empreendedorismo e criminalizando a produção sob a bandeira da justiça social.
- **A inflação de credenciais acadêmicas e a hegemonia militante nas universidades públicas** desestruturaram o aprendizado real, erguendo um sistema de sinecuras que premia o proselitismo em detrimento da capacidade técnica.
- **A consagração sistemática da inépcia intelectual** funciona como engrenagem de dominação e anestesia cívica, transferindo o custo da decadência nacional para o cidadão que trabalha e produz.

